

Gazeta das Caldas Este suplemento é parte integrante da edição nº 5195 da Gazeta das Caldas e não pode ser vendido separadamente.

26.10 — 21H30
jack broadbent

27.10 — 21H30
hailey tuck

28.10 — 21H30
club des belugas com brenda boykin

29.10 — 17H00
patricia lopes

02.11 — 21H30
aaron goldberg trio

03.11 — 21H30
jacqui naylor & art khu

04.11 — 21H30
sarah mckenzie

01.12 — 21H30
patricia barber

05.11 — 17H00
afonso pais e maria rita

**BIG JAZZ III • JAZZ NA CIDADE - CALDAS DA RAINHA, ÓBIDOS E FOZ DO ARELHO
TERTÚLIA • DJ'S • AFTER PARTY**

www.caldasnicejazz.pt




www.caldasnicejazz.pt

As Caldas da Rainha mais perto de ser também conhecida pelo jazz



Por: Carlos Mota
Director do Festival

Estamos conscientes de que um festival internacional como este, que apresentamos anualmente em Caldas da Rainha e agora, também "timidamente" partilhado com Óbidos, envolve uma série de fatores artísticos e organizativos capazes de proporcionar uma imagem de referência de uma cidade como a nossa. É bom valorizar o impacto cultural que um evento destes proporciona no território regional e na referência artística que proporciona em termos nacionais, extravasando meras iniciativas de espetacularidades imediatas. No nosso caso, associamos ao evento o critério da qualidade e da formação musical além, claro está, da promoção de uma urbanidade impar no panorama regional.

O programa em 2017 mantém um conjunto distinto de estilos, que podíamos resumir como essenciais a uma percepção do universo de influências que o Jazz possui e proporciona.

Os destaques vão para grupos de referência internacional como é o caso de **Jack Broadbent** - aclamado como "O novo mestre da slide guitar" pelo festival de Jazz de Montreux e de "The real thing" pelo lendário **Bootsy Collins** - e que tem vindo a deliciar o público internacional com a sua mistura única de slide guitar e uma voz blues proeminente e inspiradora.

Também **Hailey Tuck**, nascida em Austin, Texas, e educada com uma dieta de jazz dos anos 30, vestidos *vintage* e filmes a preto e branco, cujo amor por tudo o que é *old school* a levou a mudar-se para França

com apenas 18 anos à procura da *la vie en rose* e que, nos seus concertos, nos convida a entrar num mundo muito próprio, oferecendo-nos uma *belle époque* do século XXI.

O **Club des Belugas com Brenda Boykin** é uma das principais bandas de Nujazz na Europa, talvez no mundo, combinando os estilos contemporâneos European Lounge & Nujazz com Brazilian Beats, Swing e American Black Soul dos anos cinquenta, sessenta e setenta, usando criatividade e intensidade únicas; começaram a carreira em 2002 com "Caviar at 3 a.m." e têm até hoje lançados 8 álbuns, 6 singles / EPs, um CD duplo ao vivo e um DVD ao vivo.

Patrícia Lopes, compositora e pianista brasileira, apresenta-se neste festival com um projecto constituído por voz, clarinete, piano e violoncelo, num trabalho em que revela interpretações de poesia "O Feminino em Fernando Pessoa.

Aaron Goldberg aclamado pela revista "Down Beat" pelos seus "reflexos harmónicos rápidos e inteligentes, pelo seu fluido comando de linha e pelo seu senso de lógica narrativa", fez nome como um dos pianistas mais atraentes do jazz.

Jacqui Naylor e Art Khu - a par de Diana Krall, Jacqui Naylor é seguramente uma das vozes mais importantes do chamado Smooth Jazz. Com excelentes críticas e presença nas melhores salas e em quase todos os festivais, é com enorme prazer que anunciamos este regresso a Portugal para apresentação do seu novo disco Q & A.



A cantora e pianista **Sarah McKenzie** já tocou em alguns dos lugares mais emblemáticos do jazz, nos festivais de Monterey, Juan-les-Pins, Marcillac e Perugia, Dizzy e Minton em Nova Iorque, bem como nos principais clubes de Paris, Londres, Viena, Munique e Sidney.

Mas não podíamos deixar de apresentar, aliás como é tradição do festival, um grupo originário de Portugal, este ano **Afonso Pais e Rita Maria**. Afonso Pais, referência estabelecida na cena musical nacional, desenvolve desde o início da sua carreira artística um trabalho de composição exploratório das vertentes e possibilidades da música escrita e da improvisação. Apresenta agora uma parceria artística com a aclamada cantora Rita Maria, singular intérprete e improvisadora, com o projecto intitulado "Além das Horas".

Realçamos ainda o concerto de encerramento com uma grande senhora do Jazz mundial - **Patrícia Barber**. De regresso a Portugal após um interregno de nove anos, Patrícia Barber é um dos principais rostos do jazz, ao lado de outras talentosas intérpretes como Jane Monheit, Karrin Allyson ou Natalie Cole.

Além deste fantástico programa internacional apresentaremos mais 12 concertos e duas after party de livre acesso (Concerto Club des Belugas com Fat&Slim - electroswing duet e Jazz na Toca - Dj Paulo Azevedo - jazz, swing, blues em Vinil) integrados no Jazz na Cidade, Óbidos e Foz do Arelho, proporcionando momentos de descoberta de jovens mú-

sicos e de novas sonoridades numa festa em que o Jazz é o protagonista...

Cafés, restaurantes, escolas e hotéis abrirão suas portas, prevendo-se algumas inovações no decorrer do festival, nomeadamente na apresentação de uma ementa modelo "Drink e Food Jazz" criada no âmbito da parceria estabelecida com a Escola de Hotelaria e Turismo.

O festival integra no seu corpo de acção a formação musical, dando uma vez mais destaque à organização do workshop **Big Jazz III**, este ano sob a direcção do maestro **Pedro Moreira**, e dos formadores, **Daniel Bernardes, Rúben de Luz e Inês Sousa**, sendo a coordenação do projecto da responsabilidade do Maestro Adelino Mota.

Pela primeira vez haverá uma tertúlia à volta dos discos de Jazz e daremos espaço à apresentação de Jam Session's no café concerto do CCC. No programa mantemos a cooperação com as filarmónicas locais e da região, convidando-as anualmente a apresentar um concerto de jazz, incorporando no seu historial novas áreas musicais que se oferecem ao público.

Cremos que este projecto pode vir a dar mais valor às Caldas e à Região Oeste e ter uma maior visibilidade nacional e internacional, se para isso os apoios forem menos modestos e os enquadramentos operacionais para a sua promoção forem mais robustos.

Difícilmente vai deixar de querer estar presente e deixar-se absorver pelos sons que aqui se vão apresentar. ■

Nova Orleães - a capital mundial do Jazz



Nos parques e nas ruas em New Orleans podem encontrar-se durante o dia músicos sozinhos ou pequenas orquestras deliciando os transeuntes com as suas performances musicais

O continente americano tem várias cidades míticas, desde Nova York ou Boston na costa Leste, a Seattle, S. Francisco e Los Angeles na costa Oeste, bem como uma cidade pequena em relação às anteriores, mas que encerra uma mística inconfundível. Trata-se de Nova Orleães, a capital mundial do jazz, na costa Sudeste, próximo do Golfo do México, fundada pelo colonizador de origem francesa em 1718, mas que tem marcas deixadas também pela cultura hispânica e afro-americana, tanto na música como na culinária.

Na culinária encontram-se pontos distintivos dessa influência, como o uso de condimentos fortes à base de piri-piri, mariscos e outros condimentos trazidos pelos espanhóis e franceses, como é o caso do presunto. A culinária crioula deu aos apreciadores um prato chamado jambalaya, imitando a paella (arroz à valenciana) tendo como ingredientes o camarão, a linguiça e o arroz.

O ambiente que se vive na cidade, ligado à sua história e tradição, bem como à influência da cultura das várias comunidades já referidas, com destaque para os afro-americanos que aqui fizeram emergir uma forma incontornável de música, está bem representada no Jazz.

New Orleães e o Jazz é um casamento indestrutível desde o início do séc. XX e pela cidade se vive a todo o momento essa co-

munhão, onde o visitante pode encontrar grupos ou músicos sozinhos tocando belas músicas tradicionais, bem como os bares que pululam no *French Quarter* (Bairro Francês), o velho quarteirão onde predomina a arquitectura influenciada pelos franceses, com casas de dois ou três andares, com bares ou clubes nocturnos nos pisos térreos, abertos sobre as ruas, com grupos no interior, onde o jazz se ouve durante a tarde nalguns e em todos à noite. O bairro enche-se de amantes do Jazz, que deambulam por aquelas ruas e experimentam a toada de cada bar, podendo ficar naquele que lhe diga mais, na cidade também conhecida pelo título não oficial de "Deixe os bons tempos rolarem".

No próximo ano New Orleães comemorará o 3º centenário da sua fundação por Jean Baptiste Moyné, que lhe deu aquele nome em homenagem a Filipe, Duque de Orleães e Regente de França, tornando-se a capital da Luisiana em 1722. Com os seus quase 350 mil habitantes e 1,2 milhões na região metropolitana, tem um vida económica e cultural muito dinâmica, que sofreu um rude golpe em 2005 aquando do tufão Katrina.

O facto de a cidade, e especialmente o seu centro, estar abaixo do nível da água do mar, defendido por diques, com as cheias provocadas pelo tufão Katrina, muitos dessas defesas ruíram inundando a cida-

de de água e matando muitas pessoas que não conseguiram fugir, cujo número total de vítimas ainda não é hoje conhecido.

A oportunidade que nos foi dada de visitar a cidade dois anos antes da tempestade ambiental, na sequência da participação numa conferência em Houston, no Texas, deixou-nos uma imensa recordação e encheu-nos de emoção. A viagem entre Houston e New Orleães foi feita num autocarro nocturno, transporte muito típico nos Estados Unidos, para atravessar grandes distâncias, em que os passageiros dormem, chegando à cidade de destino na manhã do dia seguinte.

O percurso feito nas autoestradas estaduais com paragens nas estações de serviço ao longo do percurso, permitem a entrada e saída de viajantes das profundezas da América, muitos trajando os seus modernos fatos de vaqueiro ou de cowboy.

A cidade era e está a voltar a ser um destino turístico muito importante a nível dos EUA, bem como internacional, quer pela vida típica da cidade, bem como por alguns eventos que atraem gente de todo o lado, como o célebre Carnaval ou os festivais de Jazz na Primavera (New Orleans Jazz & Heritage Festival), bem como jogos de futebol americano.

O Festival de Jazz é um dos mais importantes do mundo, juntando milhares de turistas vindos dos cinco continentes

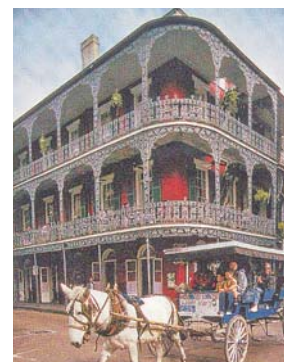
para uma festa que reúne também mercados de artesanato típico, de comes e bebes, com a deliciosa comida crioula, e arte.

Percorrer à tarde ou à noite as ruas Bourbon e Royal, ou as ruas mais pequenas do Bairro Francês, é uma experiência que ninguém esquece e beber uma bebida crioula, uma cerveja, ou um whisky na esplanada de um bar ou ao balcão, fica mesmo na memória como uma sensação fora de série. De vez em quando, no bairro encontram-se lindas mansões do séc. XIX construídas segundo o estilo europeu, especialmente francês.

Outra curiosidade é descer até ao Rio Mississippi que banha a cidade e depois fazer um pequeno cruzeiro de duas horas, ao som de uma orquestra de jazz, nos barcos típicos a vapor com rodas de pás, que permitem a locomoção e deslizar lentamente e sem sobressaltos.

Outra atracção que é sempre Bemvinda para os caldenses é o mercado onde se podem encontrar produtos agrícolas e piscícolas da região, ou os célebres condimentos da cozinha crioula já referidos antes.

Em conclusão, New Orleães é uma das cidades norte-americanas que qualquer europeu, especialmente da região mediterrânica, gosta de visitar e nunca mais esquece, dando o Jazz aquele toque muito especial que a torna inconfundível. ■ J.L.A.S.



A Rua Bourbon do Bairro Francês concentra os principais bares, clubes de Jazz, exhibições de jazz e turistas.

www.caldasnicejazz.pt

O Festival de Jazz em Portugal, esse jovem sexagenário

Os festivais têm sido uma peça fundamental na popularização do Jazz, considerando-se pioneiro o realizado em Nice, França, em 1948. Em Portugal, as origens remontam a 1953. Foi, contudo, necessário esperar pelos anos 1970 para, através do Cascais Jazz, surgir um grande festival de âmbito internacional. Se as décadas seguintes testemunharam a descentralização geográfica e um crescimento exponencial, a crise financeira de 2011 fez abrandar o ritmo, mas não impediu o nascimento do Caldas Nice Jazz.

A organização do primeiro festival de Jazz nacional foi mais circunstancial do que programática. No início dos anos 50, o Hot Clube (HCP), ainda a dar os primeiros passos, debatia-se com problemas financeiros. A ampla sede da lisboeta Praça da Alegria (actual clube Fontória) tornara-se demasiado dispendiosa, obrigando Luís Villas-Boas e a sua equipa a mudarem-se para um edifício de renda mais económica. Ironicamente, também os encargos com a sede na Avenida Duque de Loulé se revelaram incontroláveis face às escassas receitas providenciadas pelos pouco mais de 200 sócios. Foi nesse contexto que em Julho de 1953 o HCP promoveu, no cinema Condes, o I Festival de Música Moderna. Evento modesto, serviu, sobretudo, para reequilibrar as contas do clube. Como tal, Villas-Boas e Augusto Mayer – um importante e empreendedor sócio do HCP – socorreram-se da 'prata da casa', nomeadamente o Quinteto do HCP e as orquestras de Mário Simões, José Mesquita, Fernando Albuquerque e Domingo Vilaça. Quanto à designação do festival, não foi de todo fortuita, mas antes sinal dos tempos.

Vivia-se então sob a égide do Estado Novo, cuja organização política e administrativa impôs que o termo Jazz – considerado subversivo – fosse substituído por Música Moderna. Assim sucedeu nas três primeiras edições, realizadas entre 1953 e 1955. Só o evento de 1958, realizado no Cinema Roma, pôde apresentar-se como o que de facto sempre foi: um Festival de Jazz. Nessa edição e na imediatamente anterior, participaram já alguns músicos estrangeiros de passagem por Lisboa, como o pianista Colin Beaton e Alex Williams e a sua orquestra. Por carência crónica de recursos financeiros ou por ausência de uma estrutura de produção profissional, seguiu-se uma pausa de cerca de sete anos na actividade festiva em Portugal. Tal hiato foi interrompido em Abril de 1965 mediante a realização do I Festival de Jazz da Queima das Fitas. Evento de escala reduzida, teve como promotores o Clube de Jazz do Orfeon (CJO) e a Associação Académica de Coimbra (AAC). Dois anos depois, decorreu o 1.º Festival Internacional de Jazz de Coimbra, produto da colaboração entre a Comissão Cultural da Queima das Fitas e o CJO. No palco do

Por: João Moreira dos Santos
Investigador e autor do programa radiofónico «Jazz à Dois» (Antena 2).

Teatro Avenida actuaram, entre outros, Dexter Gordon, Jean Pierre Gebler e o Quinteto do CJO. A segunda e última edição chegou logo em 1968, tendo como atractivo principal a participação do saxofonista Don Byas.

A ERA CASCAIS JAZZ

Os anos 1970 abriram com o I Festival de Jazz do Porto, organizado por Manuel Guimarães, com o apoio da secção de Jazz da Juventude Musical Portuguesa. Acolheu-o o Liceu Garcia de Orta, em Abril de 1971, mas faltaram-lhe as atracções internacionais. Três meses depois, Luís Villas-Boas, João Braga e Hugo Lourenço já preparavam o Cascais Jazz, que fora dado como certo em 1966. Nesse ano, alguma imprensa anunciara, de facto, a organização do primeiro Festival Internacional de Jazz da Costa do Sol, com a participação, por exemplo, dos icónicos saxofonistas John Coltrane e Stan Getz.



Não obstante, só em Novembro de 1971 ficaram reunidas as condições para organizar um evento de larga escala, para o que foi providencial a angariação de um patrocinador. O cartaz de luxo do Cascais Jazz, com músicos como Miles Davis, Ornette Coleman, Dexter Gordon e os Giants of Jazz, nos quais se incluíam Dizzy Gillespie e Thelonious Monk, atraiu ao Pavilhão do Dramático cerca de 10 mil espectadores por dia. E nem o episódio Charlie Haden – contrabaixista que protagonizou um momento de oposição política ao regime político

2.ª FEIRA, 3 DE NOVEMBRO - às 18,30 h.

HCP
Hot Club de Portugal
— APRESENTA —
NO CINEMA ROMA

4.º FESTIVAL DE MÚSICA DE JAZZ

— com os conjuntos —

ALEX WILLIAMS (Tagide)
CINQUE VAGABONDI (Casino Estoril)
HELDER MARTINS (Aguário)
HELDER REIS (Galo)
JOAG OLIVER (Hotel Embaixador)
JORGE MACHADO (Casino Estoril)
JOSÉ MAGALHAES (Maxime)
QUINTETO HOT CLUBE DE PORTUGAL

Bilhetes à venda no Cinema Roma e no Hot Clube de Portugal
— P. da Alegria, 30 — Informações: Telef. 347349 - 22861.
WWW.CALDASNICEJAZZ.PT

ESTORIL JAZZ

CASINO ESTORIL

QUINTETO
MARCUS ROBERTS
JULHO 13 - 21.30 - 23.30 h

HARPER BROTHERS
JULHO 14 - 21.30 - 23.30 h

NEW YORK VOICES
JULHO 26 - 21.30 - 23.30 h

PARQUE DE PALMELA
CASCAIS

QUINTETO
SCOTT HAMILTON
com SPANKY WILSON
JULHO 27 - 22.00 h

PROJAZZ NEW YORK
ALL STARS
com CLARK TERRY
JULHO 28 - 21.30 h

JAZZ NUM DIA DE VERÃO 90 PORTUGAL

CASCAIS JAZZ
(FESTIVAL DE NEWPORT NA EUROPA)

1.º Festival Internacional de Jazz de Cascais

MILES DAVIS QUINETO
ORNETTE COLEMAN QUINETO
GIANTS OF JAZZ!
DIZZY GILLESPIE
THELONIOUS MONK
ART BLAKEY
SPANKY WILSON
KAI WINDING
AL MCKIBBEN

PHIL WOODS & THE ELIZABETH RAYTHER BRASSERS
PHIL WOODS - GORDON BECK - RON MATHEWSON - DANIEL HEMMAY
DIXIE GORDON - THE NORM GARDNER OF SWISS QUINETO "THE BRIDGE"

WILLIAM ANTHONY PETERSON - GUYTON MANNING - JIM HANCOCK
Orquestra de António Pinho Félix - 40 músicos - 100000 de pessoas esperam no porto de Cascais para assistir ao jazz.

"JAZZ E CULTURA"

CASCAIS · PORTUGAL
PARQUE DE PALMELA - Julho dia 10-21.30
dia 11 - 17.00

CARMEN Mc RAE
RED NORVO / TAL FARLOW
CHICO FREEMAN
BOBBY Mc FERRIN
AL HAIG / ART THEMEN

JAZZ NUM DIA DE VERÃO
CASCAIS 82

vigente, tendo sido detido pela PIDE/DGS - impediu a continuação do festival até 1988. Ao longo das suas 18 edições, actuaram alguns dos maiores nomes da história do Jazz, incluindo, além dos já referidos, Jimmy Smith, Dave Brubeck, Duke Ellington, Sarah Vaughan, Charles Mingus, Sonny Rollins, Betty Carter, Chet Baker e Wynton Marsalis.

Na organização do Cascais Jazz, que morria renascia da incerteza e das cinzas a cada nova edição, revelou-se fundamental, a partir de 1974, a dupla formada por Villas-Boas e Duarte Mendonça. Essa mesma equipa produziu, nos anos 1970 e 1980, os efémeros festivais internacionais de Jazz da Figueira da Foz (1976), Espinho (1977), Algarve (1978) e Lisboa (1985-1987), e também o Jazz num Dia de Verão (1982-1989), evento que Duarte Mendonça metamorfoseou no histórico Estoril Jazz (1990-2015).

No panorama dos festivais de Jazz dos anos 1970, interveio, igualmente, Rui Neves, músico do grupo Plexus, que organizou as primeiras e únicas edições dos vanguardistas e contemporâneos festivais de Jazz de Sintra (1976) e de Setúbal (1979). A norte, decorreu em 1975 e 1977 o Festival Internacional de Jazz de Vila Real, promovido pelo músico e pintor Eurico Gama.

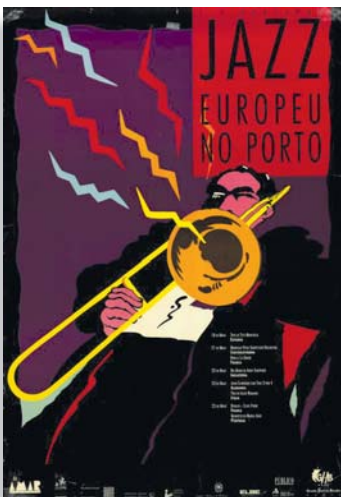
INSTITUCIONALIZAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO

Na institucionalização dos festivais de Jazz, foi pioneiro o Jazz em Agosto, promovido desde

1984 pela Fundação Calouste Gulbenkian. Na sua direcção artística encontrava-se Rui Neves, que a partir de 1987 assumiu também a responsabilidade pelo Jazz na Cidade (1987-1990). Um ano depois, Duarte Mendonça iniciou o Galp Jazz (1988-2004), o primeiro festival português cuja identidade era também a de um patrocinador privado.

Os anos 1990 e 2000 foram de boom. De facto, só na primeira das duas décadas foram criados, praticamente, tantos festivais quanto os iniciados entre os anos 1950 e 1980. Por outro lado, observou-se também um fenómeno de descentralização sustentada. Graças ao crescente investimento do poder local e dos governos regionais, os festivais de Jazz alargaram-se a várias capitais de distrito, e não só, e ainda às regiões autónomas, disseminando-se um pouco por todo o país. Ilustram-no diversos eventos:

Festival de Jazz do Porto, Jazz na Praça da Erva (Viana do Castelo), Festival de Jazz do Valado de Frades, Guimarães Jazz, Festival Internacional de Jazz de Loulé, Seixal Jazz, Matosinhos em Jazz, Angra Jazz e Funchal Jazz. Os efeitos económicos e financeiros da crise internacional de 2008 e a intervenção, em 2011, da denominada Troika, levaram, contudo, ao término ou à interrupção de grande parte dos festivais de Jazz portugueses. Foi nessa difícil conjuntura que emergiu em 2012 o benjamim Caldas Nice Jazz. ■





www.caldasnicejazz.pt

JACK BROADBENT

26 Outubro | 21h30

Jack Broadbent - Guitarra e voz
Reuben Rogers - Baixo
Eric Harland - Bateria



Reclamado como "O novo mestre da slide guitar" pelo festival de Jazz de Montreux e de "The real thing" pelo lendário Bootsie Collins, Jack Broadbent passou o ano passado a deliciar o público internacional com a sua mistura única de slide guitar e uma voz blues proeminente e inspiradora.

Nascido na Inglaterra rural numa família onde a música era uma presença constante, Jack Broadbent aponta as suas influências para John Lee Hooker, Peter Green, Jimi Hendrix, Robert Johnson e Crosby, Stills, Nash & Young.

Com raízes firmemente plantadas num estilo de Blues mais puro, Jack Broadbent está a gerar uma onda de entusiasmo global como um Bluesman moderno e porventura o mais excitante do nosso tempo. Uma verdadeira ascensão meteórica deste artista que não irá querer perder a sua estreia no nosso país. ■

Plateia: 17.50€ | Tribuna e Camarotes: 17.50€ | PROMOÇÃO - Pack 3 pessoas: 45€

HAILEY TUCK

27 Outubro | 21h30

Hailey Tuck - Voz
Rick Simpson - Piano
Tim Thornton - Baixo
Lloyd Haines - Bateria



Nascida em Austin, Texas, e educada com uma dieta de jazz dos anos 30, vestidos vintage e filmes a preto e branco, o amor de Hailey por tudo o que é old school fê-la mudar-se para França com apenas 18 anos à procura da la vie en rose.

Estabeleceu-se firmemente como uma das favoritas da cena parisiense com uma autenticidade que origina numa infância gasta sonhando ao som de Ella Fitzgerald e Billie Holiday, seguindo as façanhas de Judy Garland e as estrelas de cinema. Com o seu álbum de estreia, Hailey convida o ouvinte a entrar num mundo muito próprio, construindo uma belle époque do século XXI. ■

Plateia: 20€ | Tribuna e Camarotes: 17.50€ | PROMOÇÃO - Pack Plateia 4 pessoas: 60€ | Livre Trânsito* 105€ + Oferta CD CnJ | Acesso a sete espetáculos do Festival Caldas nice Jazz'17

CLUB DES BELUGAS COM BRENDA BOYKIN

28 Outubro | 21h30

Mickey Neher - Bateria
Brenda Boykin - Voz
Matze Bangert - Baixo
Karlos Boes - Saxofone
Roman Babik - Teclas
Detlef Hoeller - Guitarra



Club des Belugas é uma das principais bandas de Nujazz na Europa, talvez no mundo. Combinam os estilos contemporâneos, European, Lounge & Nujazz com Brazilian Beats, Swing e American Black Soul dos anos cinquenta, sessenta e setenta usando criatividade e intensidade únicas.

O Club des Belugas começaram a carreira em 2002 com o primeiro álbum "Caviar at 3 a.m.". Em 2010, a banda foi nomeada nos Spanish Jazz Awards em 2 categorias: Como "best live act" e pelo seu 5º álbum "Zoo Zizaro" como "melhor álbum de jazz"

Entre junho e setembro de 2007, o Club des Belugas Quartet realizaram 89 espetáculos na China. Desde 2007, a banda já realizou mais de 280 fantásticos concertos ao vivo em todo o mundo. ■

Plateia: 17.50€ | Tribuna e Camarotes: 15€ | Livre Trânsito* 1ª Plateia: 105€ + Oferta CD CnJ | Acesso a sete espetáculos do Festival Caldas nice Jazz'17

PATRÍCIA LOPES

29 Outubro | 17h00

Patrícia Lopes - Piano e voz
Paula Mirhan - Vocais
Hugo Azenha - Clarinete
Ricardo Ferreira - Violoncelo



O feminino em Pessoa é um espetáculo musical com canções concebidas pela compositora e pianista brasileira Patrícia Lopes, inspirada pela obra do poeta português, Fernando Pessoa (1888-1935). Este trabalho revela interpretações da poesia do escritor sob a perspectiva da música brasileira e suas convergências com a história da própria compositora. É a partir de suas raízes que Patrícia Lopes flui de forma harmoniosa entre referências da música popular brasileira e da música clássica europeia.

Escritos para voz, clarinete, piano e violoncelo, o ciclo de canções O feminino em Pessoa une leveza e sofisticação. E a voz delicada da cantora e atriz Paula Mirhan soma-se à profunda elaboração musical composta por Patrícia Lopes e interpretada pelo seu quarteto, possibilitando assim uma atmosfera em que os diálogos melódicos e harmônicos entrelaçam-se ao tecido poético de Fernando Pessoa. ■

Plateia: 17.50€ | Tribuna e Camarotes: 15€ | Livre Trânsito* 1ª Plateia: 105€ + Oferta CD CnJ | Acesso a sete espetáculos do Festival Caldas nice Jazz'17

AARON GOLDBERD TRIO

02 Novembro | 21h30

Aaron Goldberg - Piano
Yasushi Nakamura - Baixo
Leon Parker - Bateria



Aclamado pela revista Down Beat pelos seus "reflexos harmónicos rápidos e inteligentes, pelo seu fluído comando de linha e pelo seu senso de lógica narrativa", Aaron Goldberg fez nome como um dos pianistas mais atraentes do jazz, tanto como líder de banda como com colaboração frequente com Joshua Redman, Wynton Marsalis, Kurt Rosenwinkel, Guillermo Klein e muitos mais.

Aaron Goldber nasceu em Boston e iniciou os seus estudos musicais com os mestres Bob Sinicrope, da Milton Academy, e Jerry Bergonzi, tendo depois estudado na New School for Jazz and Contemporary Music, em Nova Iorque, e no Harvard College. Em 1998, já um músico requisitado, integrou a formação de Joshua Redman, com quem gravou dois álbuns. ■

Plateia: 20€ | Tribuna e Camarotes: 17.50€ | PROMOÇÃO - Pack Plateia 4 pessoas: 60€ | Livre Trânsito* 105€ + Oferta CD CnJ | Acesso a sete espetáculos do Festival Caldas nice Jazz'17

JACQUI NAYLOR & ART KHU

03 Novembro | 21h30

Jacqui Naylor - Voz
Art Khu - Piano e guitarra



A par de Diana Krall, Jacqui Naylor é seguramente uma das vozes mais importantes do chamado Smooth Jazz. Com as melhores críticas e com presença nas melhores salas e em quase todos os festivais, é com enorme prazer que anunciamos este regresso a Portugal para apresentação do seu novo disco Q & A. Conhecida pela sua voz aveludada, Jacqui recusa o purismo do Jazz e é na mistura de estilos que muitas vezes Jacqui Naylor surpreende de forma única. O desfilar de canções intemporais bem conhecidas do universo pop-rock, a par dos seus originais, Jacqui Naylor constrói um espetáculo que ficará certamente na memória de todos os presentes. Uma das vozes mais influentes do Smooth Jazz, estará no nosso país acompanhada por Art Khu no piano/guitarra. Entre as suas maiores influências incluem-se nomes como Nina Simone e Tracy Chapman. ■

Plateia: 20€ | Tribuna e Camarotes: 17.50€ | PROMOÇÃO - Pack Plateia 4 pessoas: 60€ | Livre Trânsito* 105€ + Oferta CD CnJ | Acesso a sete espetáculos do Festival Caldas nice Jazz'17



SARA MCKENZIE

04 Novembro | 21h30

Sarah McKenzie - Piano e voz



Há cerca de três anos a cantora e pianista Sarah McKenzie participou na competição do Umbria Jazz Festival tendo como resultado uma bolsa completa na prestigiada Berklee College of Music. Dezoito meses depois Sarah foi imediatamente abordada pela Universal Publishing France para a gravação de um disco pela famosa label Impulse!

Brian Bacchus (Norah Jones, Gregory Porter) produziu o seu álbum de estreia gravado no lendário Sear Sound Studios em Nova Iorque e conta com vários originais de McKenzie assim como clássicos de Cole Porter, Gershwin, Mancini, Ellington e Jerome Kern. ■

Plateia: 22.50€ | Tribuna e Camarotes: 20€ | PROMOÇÃO - Pack Plateia 4 pessoas: 70€ | Livre Trânsito* 105€ + Oferta CD CnJ | Acesso a sete espetáculos do Festival Caldas nice Jazz'17

AFONSO PAIS & RITA MARIA

05 Novembro | 17h00

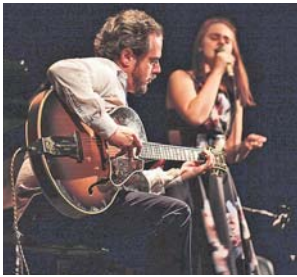
Afonso Pais - Composição
e guitarra

Rita Maria - Voz

Albert Sanz - Piano

António Quintino - Contrabaixo

Luís Candeias - Bateria



Afonso Pais, referência estabelecida na cena musical nacional, desenvolve desde o início da sua carreira artística um trabalho de composição exploratório das vertentes e possibilidades da música escrita e da improvisação. Viveu em Nova Iorque os primeiros cinco anos da sua vida profissional, período após o qual se estabeleceu em Lisboa.

Colaborou com Edu Lobo, Ivan Lins, Rui Veloso ou JP Simões, partilhado o palco ou estúdio com cantores como Dee Dee Bridgewater, Camané e António Zambujo, e gravado com nomes maiores da música instrumental como Peter Bernstein, Perico Sambeat ou João Paulo Esteves da Silva.

Afonso Pais apresenta a sua parceria artística com a aclamada cantora Rita Maria, singular intérprete e improvisadora, com o projeto intitulado "Além das Horas". Rita Maria, conta com um percurso musical eclético, estando agora de regresso a Portugal. ■

Plateia: 15€ | Tribuna e Camarotes: 12.5€ | Livre Trânsito* Plateia: 105€ + Oferta CD CnJ

PATRÍCIA BARBER

01 Dezembro | 21h30

Concerto Extra Festival Internacional
Caldas nice Jazz 2017

Patrícia Barber - Voz



De regresso a Portugal após um interregno de 9 anos, Patrícia Barber é um dos principais rostos do jazz, ao lado de outras talentosas intérpretes como Jane Monheit, Karrin Allyson ou Natalie Cole.

O seu estilo muito próprio desde cedo mostrou que não era uma cantora jazz limitada aos moldes convencionais; aliás, o seu estilo bastante peculiar – onde uma voz gutural concilia o seu talento de vocalista com o de compositora e letrista – valeram-lhe de início a desconfiança e o escárnio da crítica na sua Chicago natal.

Em 1998, a conceituada editora Blue Note adquiriu a Premonition e Patrícia Barber viu o seu trabalho recompensado, com uma maior aposta na sua música, começando a ser encarada internacionalmente como uma personalidade respeitada no campo do jazz avant-garde, principalmente graças aos seus dois álbuns seguintes, "Modern Cool" e "Night Club". ■

Plateia: 20€ | Tribuna e Camarotes: 20€ | PROMOÇÃO - Pack 2 pessoas: 35€

SARA PESTANA TRIO

18 Outubro | 22h30

Cocos Beach Club - Foz do Arelho

Marco Santos, Piano

Diogo Alexandre, Bateria

Sara Pestana, Voz



Sara Pestana inicia o seu percurso musical aos 8 anos, começando por estudar piano. Apesar de cantar desde tenra idade, a formação vocal vem mais tarde, por volta dos 14 anos, com a cantora lírica Conceição Galante. Aos 16 anos tem o primeiro contacto com o jazz.

Ao longo da sua formação passa por instituições como a Academia de Música de Santa Cecília, a escola Interartes, a escola do Hot Clube de Portugal (representa ambas as escolas em diferentes edições da Festa do Jazz do São Luiz), a Universidade Nova de Lisboa (onde se licencia em Ciências Musicais) e a School of Music da Universidade de Cardiff. Atualmente, encontra-se a tirar a licenciatura de Voz Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa. ■

ESCOLA DE JAZZ DO PORTO

19 Outubro | 16h30

Escola de Hotelaria e Turismo do
Oeste - Caldas da Rainha

Inês Pereira, Voz

Jorge Cruz, Guitarra elétrica

Pedro Barreiros, Baixo elétrico



Com mais de 30 anos de história. A Escola de Jazz do Porto nasce como um projeto liderado pelos irmãos Barreiros, que juntamente com alguns amigos, em 1985, decidem estimular/ divulgar o ensino e a promoção da música improvisada em Portugal. Corpo Docente a 12 de Abril de 2017, coordenador Pedro Barreiros.

O repertório será:

"Improvisações coletivas sobre 12 temas musicais do séc. XX norte-americano" ■

VILOKO JAZZ TRIO

20 Outubro | 22h00

Tenda de Concertos - Óbidos

Marco Santos, Piano

Leo Espinosa, Baixo

Pepe Silva, Bateria



"Viloko" Latin Jazz Trio nasce em Lisboa da fusão entre as culturas dos diferentes membros da banda: Portugal, Cuba e Espanha.

Usando standards do Jazz Tradicional com arranjos a música latina, com influências de estilos como o Guaguancó, Salsa, Cha Cha ou Bolero, a banda conta com grandes influências musicais como Irakere, Caribbean Jazz Project, Michel Camilo, entre outros.

O objetivo da banda está muito direcionado a conectar com o público, utilizando a influência orgânica dos ritmos, sempre dando a sensação de vontade de dançar, tentando assim fazer um concerto único para os espectadores. ■



www.caldasnicejazz.pt

BANDA COMÉRCIO E INDUSTRIA TOCA JAZZ

21 Outubro | 11h00

Rodoviária do Oeste -
Caldas da Rainha

Adelino Mota, Maestro



A Banda Comércio e Indústria de Caldas da Rainha integra atualmente na sua composição 77 elementos, com idades compreendidas entre os 11 e os 58 anos. Os ensaios são realizados às sextas-feiras, na sede da mesma e orientados pelo Maestro Adelino Mota que é também o responsável pelo repertório nos CONCERTOS, FESTAS, DESFILES, PROCISSÕES E TOURADAS, que a Banda realiza.

A Banda tem uma escola de música (gratuita) com 14 alunos que funciona às quartas e sextas-feiras à tarde. É orientada pelo Maestro e tem como colaboradores: Ana Cristina Matos e Margarida Louro. Esta escola tem como principais objetivos, ensinar e dar a formação musical e social necessária aos alunos de forma a prepará-los para a sua plena integração no grande grupo. ■

BEATRIZ PESSOA

22 Outubro | 22h00

Praça da Criatividade - Óbidos

Beatriz Pessoa, Voz e teclado
António Quintino, Baixo
João Lopes Pereira, Bateria
Margarida Campelo, Teclado



Cantora e compositora de registo intimista, fresco e suave, BEATRIZ PESSOA tece os seus temas originais no universo da pop e do jazz. Disso é prova o seu primeiro EP, «Insects», lançado no final de 2016, onde se faz acompanhar por um grupo de músicos talentosos que desde cedo fazem parte do seu percurso: "You Know", tema de avanço do EP de estreia de Beatriz Pessoa, roda em rádios como TSF, Rádio Nova, Antena 3 e Marginal, sendo que o vídeo contou com a direção de João Pedro Moreira (Branko, Ana Moura, entre outros). O tema integra a coletânea NOVOS TALENTOS FNAC, editada em Junho de 2017. "Disguise", o segundo single, contou com um videoclipe realizado pela fotógrafa Joana Linda, no ambiente cinematográfico do 1908 Lisboa Hotel. Licenciada em jazz na Escola Superior de Música de Lisboa, vertente canto, Beatriz Pessoa é uma compositora, cantora e instrumentista que tem no jazz um DNA perfeitamente reconhecível, mas também a pop igualmente assumida com influências como Lianne La Havas e Laura Mvula. ■

JOANA RODRIGUES TRIO

23 Outubro | 21h30

Casa Antero - Caldas da Rainha

Joana Rodrigues, Voz
Marco Santos, Piano
André Ferreira, Contrabaixo



Joana Rodrigues Trio apresenta um projeto intimista e uma viagem pelo jazz, bossa nova, soul e R&B numa abordagem bastante contemporânea e sofisticada. Joana Rodrigues, desde cedo demonstrou uma enorme vontade de ser cantora, e os discos de jazz do pai despertaram o interesse em enveredar na música ainda muito nova. Aos 11 anos estreou-se com concertos de pop/rock. Em 2013, ingressou no curso profissional de instrumentista de jazz do Conservatório de Música de Coimbra. Em 2014, recebeu o prémio de "Melhor Voz" nas Escoliadas e representou o Conservatório de Música de Coimbra no Csiperó, Hungria. Nesse mesmo ano formou o seu quarteto, Groovin' 4tet e envolveu-se em diversos projetos com formações distintas.

Em 2016 participou na 14ª Festa do Jazz do São Luiz, onde ganhou o prémio "Melhor Combo" e uma menção honrosa pela sua performance. No mesmo ano, atuou no 8º Festival das Artes, em Coimbra e do qual marcará novamente presença em 2017. Atualmente, estuda na Escola Superior de Música de Lisboa e tem vindo a colaborar com diversos músicos de renome do panorama de jazz nacional. ■

QUARTO ESCURO

24 Outubro | 22h00

Praça da Criatividade - Óbidos

Miguel César, Saxofones
Inês Pintassilgo, Guitarra
Vanessa Benite, Teclado
Hugo Wittmann, Bateria e percussão
Quarto Escuro é um jogo de crianças.



De crianças que crescem;
E crescem com vontade de lá voltar.

Quarteto, que passeia pelas sonoridades do jazz, rock e world music.
Divirtam-se! Até que alguém acenda a luz. ■

GROOVE'S CORPORATION

25 Outubro | 21h30

Restaurante Afinidades
- Caldas da Rainha

Fábio Rocha, Baixo elétrico
João Costa, Bateria
Hugo Barbosa, Saxofone



Projeto musical que nasce do intercâmbio musical de 4 amigos que se conheceram no Conservatório de Música da obra onde estudaram no curso de Jazz. Em comum têm o gosto pela música e a formação na área.

Fábio Rocha, João Costa, Hugo Barbosa, e Marco Santos, procuram com este projeto dar a conhecer ao público, a sua imensa criatividade, assim como o seu bom gosto musical. Aliando a sua técnica à atualidade sonora, que nasce no Jazz e viaja através do Funk, Rock, Soul, Hip-Hop, (...) este quarteto criativo, e arrojado, oferece uma fusão sonora interessante e inovadora com uma bela dose de improviso, que os preenche, e que é bastante agradável ao público. ■

AFTER PARTY CONCERTO CLUB DES BELUGAS COM FAT&SLIM - ELECTROSWING DUET

28 Outubro | 23h00

Toca da Onça - Caldas da Rainha



FAT&SLIM é uma dupla de deejays composta por Mr.Heights e LBR que se apresentam agora num novo formato (djs+video) dedicado ao Electro-Swing: uma mistura da adrenalina do "punk dos anos 20" à electrónica de hoje. Desde 2011, que as viagens sonoras pelo swing têm sido uma constante, através de várias composições rítmicas, desde o big beat, à bossa nova, passando pelo jackin house e terminando num alucinante drum&bass! Nenhuma destas definições rítmicas esquece oswing, este que é o mood inspirador de FAT&SLIM. Esta dupla tem "swingado" vários espaços em Portugal e também em França, onde foram convidados pela dupla Bart&Baker para actuar como convidados no Moulin Rouge, Paris. Em Portugal, FAT&SLIM tem estado ao serviço do Electro-Swing como seus embaixadores, tendo já atuado no Musicbox Lisboa, Faktory Club, Sagrada Família, MUV, Santa Cruz Ocean Spirit, After Six, Bixo Mau, Parque Club, Cais da Praia, Maratona, Festival Bango. ■



12 A 15 DE OUTUBRO
OFERTAS EXCLUSIVAS E LIMITADAS



VIATURAS NOVAS

VANTAGEM CLIENTE
ATÉ **4.500€**

VIATURAS USADAS

PREÇOS
ÚNICOS

APÓS VENDA

PACK REVISÃO
99€

MARQUE A SUA VISITA EM **48HORAS.PEUGEOT.PT**



PEUGEOT

Ofertas válidas para clientes particulares. Exemplo para Peugeot 208, limitado ao stock existente e não acumulável com outras ofertas. Oferta Após Venda válida para viaturas Peugeot com mais de 3 anos e inclui verificações sistemáticas do plano de manutenção, diagnóstico eletrónico, substituição do óleo e filtro.

Consumo combinado: 3,4 a 4,5 l/100 km. Emissões de CO₂: 90 a 104 g/km.

LPM CONCESSIONÁRIO PEUGEOT / Grupo Lena Automóveis

CALDAS DA RAINHA: Rua Mártires de Timor, 25, 2500-839 Caldas da Rainha | Tel.: 262 839 810 | rede.peugeot.pt/lpmcaldasdarainha

LEIRIA: Quinta da Pedreira, Alto do Vieiro, Parceiros 2400-822 Leiria | Tel.: 244 850 150 | rede.peugeot.pt/lpmleiria

POMBAL: Rua da Sobreira, Moncalva, 3105-291 Pombal | Tel.: 236 209 860 | rede.peugeot.pt/lpmpombal

TOMAR: Estrada da Serra, 2300-415 Tomar | Tel.: 249 310 700 | rede.peugeot.pt/lpmtomar

SANTARÉM: Rua Matadouro Regional, Lote 39, 2005-002 Santarém | Tel.: 243 350 550 | rede.peugeot.pt/lpmsantarem

RODRIGO CORREIA TRIO & JÚLIA VALENTIM

30 Outubro | 18h00

Restaurante Capristanos
- Caldas da Rainha

Rodrigo Correia, Contrabaixo
Miguel Mateus, Piano
João Almeida, Bateria
Júlia Valentim, Voz



Rodrigo Correia Trio é o resultado da paixão de 3 jovens músicos, ainda nos seus primeiros passos, pela música Jazz. Com Rodrigo Correia no Contrabaixo, Miguel Mateus no Piano e João Almeida na bateria este "Trio clássico" promete apresentar uma nova abordagem aos "standards" que marcaram o Jazz, contando para isso com a presença em palco da já consagrada cantora Júlia Valentim. ■

BONES TRIO

31 Outubro | 21h30

Restaurante Maratona
- Caldas da Rainha

Ziv Taubenfeld - Clarinete baixo
Shay Hazan - Contrabaixo
Nir Tom Sabag - Bateria



As apresentações individuais dos três músicos são notáveis, às vezes até virtuosas, as suas forças combinadas transformam o trio num poderoso e magnífico aparelho de produção de música, que não leva prisioneiros.

No geral, este é um esforço de estreia notável e um dos melhores lançamentos de Jazz Livre / Jazz Improvisado até o momento.

O seu lançamento de estreia para Leo Records, é um álbum convincente e coerente que pode passar facilmente do estimulante para modos de expressão mais abstratos. Apesar dessas oscilações, e apesar da sensação às vezes solta das composições, os membros sempre mantêm um amplo relacionamento uns com os outros. ■

DANIEL BERNARDES & MÁRIO MARQUES

1 Novembro | 16h00

Hotel Sana Silver Coast
- Caldas da Rainha

Daniel Bernardes, Piano
Mário Marques, Saxofone



A colaboração entre Daniel Bernardes e Mário Marques remonta a 2002, ano em que Mário Marques apresenta no Festival de Jazz do Valado dos Frades a sua Hybrid Jazz Machine. Desde então inúmeros foram os projetos e colaborações entre os dois músicos, desde o projeto multimédia - O Rondó da Carpideira, com raízes na música tradicional portuguesa, ao Daniel Bernardes Crossfade Ensemble, estreado na última edição do Caldas Nice Jazz.

O duo associa-se ao Festival Internacional de Jazz de Caldas da Rainha e apresenta um concerto que mistura temas do Cancioneiro Jazz Norte-Americano com composições de autores incontornáveis do Jazz Português. Em suma e em jeito de graça, um concerto transatlântico! ■

JAZZ NA TOCA - DJ PAULO AZEVEDO (JAZZ, SWING, BLUES EM VINIL)

2 Novembro | 23h00

Toca da Onça - Caldas da Rainha



Paulo Azevedo é um curioso amante de música e colecionador de discos de vinil, muito focado no Jazz e Blues. Proveniente do Porto, encontramos-lo muitas vezes nos mercados de velharias, lojas de segunda mão e lojas de discos, sempre em busca de algo que não conheça.

Como DeeJay e grande impulsionador da cena Swing & Blues na cidade invicta, as suas descobertas já foram ouvidas e dançadas nos festivais internacionais Atlantic Blues e Porto Blues Exchange, mas também no Atlantic Swing Festival em Lisboa.

Lançamos o convite para uma noite ao som da agulha a tocar em discos de Jazz, Swing e Blues.

Organização: Organização Toca da Onça + Fat&Slim ■

BJAZZ

3 Novembro | 23h00

Café-Concerto, Sons Tons e Sabores - Caldas da Rainha

Rafael Neves, Clarinete
Hugo Santos, Trombone
David Santos, Tuba
João Ventura, Bateria
Ana Leão, Voz



Os B Jazz são um grupo de amigos músicos da região de Óbidos, que juntaram a sua experiência musical para vos dar boa música e muita diversão. A irreverência destes músicos que dão uma nova roupagem aos grandes standards do jazz tradicional, dando largas à criatividade e improvisação. Um grupo que gosta de estar junto do público e do calor humano, tendo a versão itinerante apenas instrumental e a versão de concerto já com voz. Sempre dentro do estilo hapiness jazz, começando pelos standards do Dixieland dos anos 20 até ao atual Funky passando pelos incontornáveis Blues. ■

TERTÚLIA: "OS MEUS DISCOS DE JAZZ PREFERIDOS" + JAM SESSION

4 Novembro | 16h30

Café-Concerto, Sons Tons e Sabores - Caldas da Rainha



No Café Concerto do CCC, a tertúlia "Os meus discos de Jazz preferidos", pretende juntar vários intervenientes do mundo do Jazz, músicos, críticos, jornalistas, produtores e descobrir um mundo de sensibilidades e de gostos que nos podem ajudar a compreender melhor o Jazz (ou não).

Pedimos-lhes que nos apresentassem em sessão aberta ao público, temas de 3 discos que mais gostam no universo da música de Jazz, e que durante 15 minutos dissertem as suas considerações sobre as opções apresentadas. Haverá um sistema de som para ser utilizado pelos convidados.

A sessão pode cruzar opiniões não só dos convidados mas também do público.

Haverá no final deste encontro que começará às 16h30 uma Jam Session no café com os músicos presentes.

Entrada livre! ■



**HYUNDAI
FREE PASS**

O FESTIVAL AUTOMÓVEL
ABERTO A TODOS

PARA CONDUTORES
DE TODAS AS MARCAS

12 A 15 OUT

**VANTAGENS EM VIATURAS NOVAS
E DE SERVIÇO ATÉ 6.500€**

**CONDIÇÕES ESPECIAIS
DE FINANCIAMENTO**

OFERTA DE CHECK UP + LAVAGEM

**BRINDES + VALES DE
DESCONTO**

**CONFIRME A SUA PRESENÇA
LIGUE GRÁTIS 800 500 505
OU VÁ A FREEPASS.HYUNDAI.PT**


AJÚLIO
Grupo

Auto Júlio, S.A.
Rua Bernardino Simões, Nº 3
Apartado 247 - S. Cristovão
2500-138 Caldas da Rainha
262 839 400



HYUNDAI

Uma breve história do jazz do século XX



Por: Daniel Bernardes
Pianista, professor e compositor

Jazz é sinónimo de liberdade, energia, criatividade – vida! O seu berço é Nova-Orleães nos Estados Unidos. Em 1817 as autoridades locais estabelecem a *Congo Square* como o local oficial para os escravos dançarem e tocarem a sua música de tradição Africana. Nos campos de algodão, os escravos cantam os Blues, cantos de lamento e trabalho com influência da música africana trazida para aqui pelas primeiras gerações de escravos a chegar à América. Um dos primeiros exemplos do encontro da tradição Africana com a música de tradição Europeia, é o Ragtime. Seguindo o paradigma europeu, o Ragtime era escrito bebendo da tradição Africana a sua riqueza rítmica. A sua principal figura é Scott Joplin, que ficou para a história com o seu “Maple Leaf Rag” de 1899. Outra figura incontornável deste período é o pianista virtuoso Jelly Roll Morton que em 1902 se auto proclama o músico que inventou o Jazz! Nesta altura o cornetista Buddy Bolden ganha a reputação de músico criativo que mistura na sua música elementos dos Blues e do Ragtime, a interacção entre músicos negros e brancos é cada vez maior.

Em 1917 a Original Dixieland Jass Band, um grupo de músicos brancos, grava o primeiro disco de Jazz da história “Livery Stable Blues” tornando-se também o primeiro grupo de Jazz a entrar num filme em “The Good for Nothing”. Por esta altura a Marinha Americana encerra o Storyville de Nova Orleães o que leva muitos músicos de Jazz, como o trombonista Kid Ory e o cornetista King Oliver – futuro mentor de Louis Armstrong – a migrar em busca de trabalho. Em Los Angeles, o grupo de Kid Ory torna-se em 1922 a primeira banda de negros a gravar um disco ao estilo de Nova Orleães. Também por esta altura os pianistas Count Basie e Fats Waller gravam os primeiros discos. Louis Armstrong muda-se para Chicago para integrar a banda de King Oliver, grupo

que grava o seu primeiro disco em 1923 com o título “Dippermouth Blues”.

Em Nova Iorque duas das mais importantes figuras do universo das Big Bands dão os seus primeiros passos: Fletcher Henderson estreia a sua orquestra no Clube Alabama e Duke Ellington grava em 1924 o seu primeiro disco como líder dos “Washingtonians”. Neste ano Louis Armstrong muda-se para Nova Iorque para trabalhar na orquestra de Fletcher Henderson à qual se junta também – Coleman Hawkins, que se viria a tornar num dos principais saxofonistas da história do Jazz. Em 1925 Louis Armstrong grava os seus primeiros discos como líder dos “Hot Five”, e segundo a lenda, quando gravava “Heebie Jeebies” o papel onde tinha escrita a letra caiu da estante e para não parar a gravação, Armstrong continuou a cantar como que imitando um instrumento de sopro dando assim origem à técnica do *Scat singing*. Duke Ellington começa a sua residência no famoso Cotton Club, com uma transmissão semanal para a rádio nacional, a sua exposição foi crescente assim como a sua notoriedade por todo o país. Em 1932 grava “It don’t mean a thing (If it ain’t got that Swing)” a primeira composição jazz a utilizar o termo *swing* no título. No ano seguinte Ellington e a sua orquestra começam a sua primeira tour europeia.

Em 1934 devido a problemas financeiros, a banda de Fletcher Henderson desmembra-se e Henderson vende os seus arranjos a Benny Goodman, clarinetista e um dos principais nomes da era das Big Bands dos anos 30 ficando conhecido para a história como “O Rei do Swing”. Em Paris, o Quinteto do Hot Club de França, com Django Reinhardt na guitarra e o violinista Stephane Grappelli, estreia-se ao vivo na École Normale de Musique de Paris. No ano seguinte, o pianista Count Basie forma o seu grupo “Barons of Swing” e

a cantora Ella Fitzgerald grava os seus primeiros discos. Numa altura de segregação racial intensa Benny Goodman começa a gravar com o seu trio que integra o pianista negro Teddy Wilson e o baterista Gene Krupa. Teddy Wilson que integraria também vários discos da cantora Billie Holiday que dava agora os seus primeiros passos. De referir ainda a estreia da ópera “Porgy and Bess” do compositor George Gershwin. Foram anos muito importantes no universo do *Swing* a era de ouro das Big Bands – Duke Ellington, Count Basie, Chick Webb e Glenn Miller são alguns dos nomes incontornáveis desta época. Em 1939 o saxofonista Coleman Hawkins grava a sua famosa interpretação de “Body and Soul” que demonstra uma sofisticação tremenda em termos da linguagem utilizada. Por esta altura Charlie Parker – Uma das principais figuras do *BeBop* - muda-se para Nova Iorque.

A partir de 1940 os músicos das Big Bands, sedentos de liberdade para improvisar, que no contexto de uma orquestra de jazz era mais reduzida, reúnem-se em bares onde levam a cabo *Jam Sessions* pela noite dentro, sessões onde o papel do solista moderno, que demonstra na sua improvisação o seu carácter pessoal e a sua mestria das harmonias e ritmos complexos, está no cerne da prática musical. É aqui que nasce o *BeBop* música de tempos rápidos para músicos virtuosos, harmonias complexas e ritmos frenéticos. Louis Armstrong chamou-lhe “música chinesa”, incompreensível e sob a qual não se podia dançar. Um dos berços do *BeBop* é o bar “Minton’s Playhouse” em Nova Iorque onde músicos como o pianista Thelonious Monk, o trompetista Dizzy Gillespie ou o baterista Kenny Clarke tinham presença assídua, com Charlie Parker a aparecer em cena pouco depois.

Em 1945 Charlie Parker grava “Now’s The Time” a sua primeira sessão como líder numa banda

que integra o trompetista Miles Davis e o baterista Max Roach. Miles chegara a Nova Iorque no ano anterior para estudar na Julliard mas abandona rapidamente a escola pois encontra aqui um ensino demasiado focado na tradição europeia e Miles decide que pode aprender mais junto de músicos como Charlie Parker ou Dizzy Gillespie. Mais tarde neste mesmo ano Charlie Parker e Dizzy Gillespie atravessam o país para tocar em Los Angeles estabelecendo assim o *BeBop* como um novo estilo a nível nacional. Dizzy Gillespie seria central também para a integração de ritmos Afro-Cubanos no Jazz como prova disto mesmo o seu disco “Manteca”. Em 1948 Dizzy Gillespie toca no Festival de Nice, em França, trazendo o *BeBop* para a Europa.

Em 1949 tem início a colaboração entre Miles Davis e o compositor Gil Evans da qual resulta “Birth of the Cool”, disco basilar da corrente Cool Jazz. Esta surge como reacção aos tempos rápidos do *BeBop*, favorecendo tempo mais relaxados, os timbres são também mais doces por oposição aos gritos lancinantes do *BeBop*. O foco passa agora para a escrita de arranjos, sendo também incorporados elementos de música clássica também por oposição ao *BeBop* onde a música vive das capacidades dos solistas. Estas características eram também mais próximas do Jazz praticado a costa Oeste dos Estados Unidos por músicos como o trompetista e cantor Chet Baker, o saxofonista Gerry Mulligan e também Paul Desmond que integraria mais tarde o quarteto do pianista Dave Brubeck, famoso pelo seu êxito “Take Five”. Em 1953 é gravado um disco histórico em Toronto, uma gravação ao vivo do concerto “Jazz at Massey Hall” com o incrível *live up*: Charlie Parker no saxofone, Dizzy Gillespie no trompete, Bud Powell no piano, Charles Mingus no contrabaixo e Max Roach na bateria.

Em 1954 Art Blakey grava o

seu primeiro disco “The Jazz Messengers”, esta formação tornou-se uma verdadeira instituição do chamado *Hard Bop*, um prolongamento do *BeBop*, com composições mais sofisticadas harmónica e ritmicamente. Os Jazz Messengers de Art Blakey foram até aos anos 90 um grupo de referencia por onde passaram alguns dos músicos mais importantes da história do Jazz, e estabeleceram de certa forma a definição do que seria o chamado *Jazz Mainstream*.

Em 1955 morre Charlie Parker, problemas com álcool e toxic dependência levaram à sua morte, o médico que declarou a autópsia estimou que Parker teria entre 50 e 60 anos, na verdade tinha 34. Miles Davis fundava o seu primeiro quinteto com John Coltrane no saxofone, Red Garland no piano, Paul Chambers no contrabaixo e Philly Joe Jones na bateria. Este quinteto é, à semelhança dos Messengers de Art Blakey, marcante para a história do jazz pois cimenta como ninguém a definição tradicional de tocar temas de jazz. Um grupo de estrelas que se tornaram referências incontornáveis para os músicos de jazz das gerações seguintes. Em 1956 Charlie Mingus grava o seu icónico disco “Pithecanthropus Erectus” onde elementos de improvisação colectiva são explorados. Mingus foi um grande inovador fazendo a ponte entre o *Hard Bop* e estilos vanguardistas como o *Free Jazz* que aparecem mais tarde. Em 1957 o saxofonista John Coltrane grava o seu disco “Blue Trane” uma referencia incontornável para qualquer apreciador de Jazz. Em 1958 Miles Davis e Gil Evans voltam a colaborar para recriar a ópera de Gershwin “Porgy and Bess”, e mais tarde “Sketches of Spain” onde Gil Evans realiza uma adaptação brilhante do famoso “Concerto de Aranjuez” de Joaquim Rodrigo, e sob o qual Miles improvisa misturando elementos de Flamenco com a improvisação Jazz. Esta colaboração foi fundamental para a



fundação da *Third Stream*, termo firmado por Gunther Schuller para descrever música que funde influências da música clássica e Jazz. No ano seguinte Miles grava aquele que viria a ser considerado por muitos como o mais importante disco da história do Jazz - *Kind of Blue*. Como era seu hábito Miles rodeou-se de um grupo incrível com John Coltrane no saxofone tenor, Cannonball Adderley no saxofone alto, o pianista Bill Evans, Paul Chambers no contrabaixo e na bateria Jimmy Cobb, conta ainda com a participação especial de Wynton Kelly, pianista dotado de uma linguagem sofisticada e fortemente marcada pelos blues. O disco é um marco na história do Jazz, pela sua escrita para três sopros e pela forma como explora novas harmonias modais, Bill Evans tornara-se um dos mais importantes músicos a explorar este tipo de estética o que levou Miles a chamá-lo para o seu grupo. Neste mesmo ano John Coltrane grava "Giant Steps", disco onde consta o tema homônimo e que marca um importante contributo para a harmonia Jazz - as Coltrane Changes. São uma sequência de harmonias usadas no tema citado e que se tornaram numa das principais técnicas de re-harmonização para o Jazz moderno. Ao mesmo tempo, o saxofonista Ornette Coleman grava "The Shape of Jazz to Come" um dos mais importantes álbuns de Free Jazz, uma estética que favorece a improvisação totalmente livre. Dave Brubeck grava o seu disco mais conhecido "Time Out" onde consta o famoso tema "Take Five" que de certa forma inaugura a exploração de compassos menos comuns na música ocidental. O título é um jogo com a métrica do tema em compassos de cinco tempos, o que até então não era muito comum. Os anos 60 foram muito importantes para a história do Jazz com várias sub-correntes a emergir. Desde logo a mistura do Jazz com a Bossa Nova do Brasil como testemunha o disco "Desafinado" do saxofonista Stan Getz em parceria com Charlie Byrd e que muita atenção trouxe aos compositores brasileiros como por exemplo Jobim. O pianista Cecil Taylor ganha notoriedade pelo seu estilo de *Free Jazz* muito radical e veemente. Bill Evans grava o seu icónico "Conversations with Myself" onde, através das modernas técnicas de gravação, Bill Evans toca consigo mesmo gravando um take e depois grava um segundo take que se sobrepõe ao primeiro criando a ilusão de estarmos a ouvir música

para dois pianos.

Em 1964 Miles Davis grava "My Funny Valentine" com o seu famoso segundo quinteto, originalmente com o saxofonista George Coleman - substituído depois por Wayne Shorter - no piano, Herbie Hancock, no contrabaixo Ron Carter e na bateria, com apenas 18 anos, Tony Williams. Este grupo é considerado um marco na história do Jazz pela forma como, por influência das liberdades criadas pelo Free Jazz, em tempo real o grupo modificava ritmos, harmonias e ambiências dos tradicionais temas de Jazz. Um disco deste grupo é um tratado de interacção e de criatividade do momento! Ao mesmo tempo John Coltrane grava o seu disco "A Love Supreme" que se torna um sucesso de vendas e é um dos marcos da estética modal desenvolvida por Coltrane até ao fim da vida, um cruzamento do Jazz modal com a filosofia do Free Jazz.

Em 1969 Miles Davis grava *Bitches Brew*, um disco marcante onde as influências do Rock e do Free Jazz se fazem sentir, Miles substitui o piano acústico pelo Fender Rhodes e pelo Órgão e o contrabaixo pelo baixo eléctrico, trazendo novas sonoridades à banda. Trabalham com ele os pianistas Keith Jarrett e Chick Corea, verdadeiros monstros do piano Jazz contemporâneo, assim como Joe Zawinul que foi dos primeiros músicos a especializar-se no uso de sintetizadores vários, criando uma paleta vasta de timbres imediatamente reconhecível. Em 1971 em parceria com Wayne Shorter, Zawinul forma um dos mais influentes grupos de Jazz de Fusão, os Weather Report. Chick Corea forma igualmente o seu grupo de fusão "Return to Forever" onde predominam sonoridades Rock. Em 1972 o icónico trompetista Lee Morgan, um dos mais influentes trompetistas da estética *Hard Bop*, é assassinado a tiro em palco pela sua mulher! Em 1974 morre Duke Ellington, considerado por muitos o mais importante compositor de Jazz da história, Duke conta com mais de mil composições em seu nome, marcando a estética do Jazz para BigBand para sempre.

Em 1975 o pianista Keith Jarrett, aproveitando uns dias de folga da Tour Europeia com o grupo de Miles Davis decide dar um concerto na Opera de Colónia, na Alemanha. O concerto foi gravado lançado em vinyl no Outono naquele que foi o disco fundador da editora ECM, uma das mais importantes editoras da história do

Jazz contemporâneo. O disco tornou-se no mais vendido de sempre, para um trabalho a solo, chegando aos três milhões e meio de vendas. Em 1978 é fundado o Pat Metheny Group que se viria a tornar num dos mais importantes grupos de pop-jazz, e o seu fundador, o guitarrista Pat Metheny uma das principais figuras da guitarra jazz moderna, com a sua linguagem inovadora e técnica virtuosa. Em 1979 o contrabaixista Charles Mingus morre no México. Nos anos 80 Miles Davis experimenta com sonoridades novas como o Funk e o Rock, como no seu disco "The Man with the Horn". O pianista Bill Evans morre em Nova Iorque. Estrela emergente, o trompetista Wynton Marsalis com apenas 18 anos grava com os Jazz Messengers de Art Blakey. Wynton faz história ao ganhar um Prémio Grammy na categoria Jazz e outro na categoria de música clássica no mesmo ano. Herbie Hancock chega ao primeiro lugar das tabelas de música pop com o seu hit "Rockit". Ao mesmo tempo que vários artistas experimentavam com estilos novos da moda,

PUB.



Miles Davis foi uma figura central na história do jazz

surgiram movimentos revivalistas da tradição como testemunham o trio de Keith Jarrett com Gary Peacock no Contrabaixo e Jack DeJohnette na bateria, ou Wynton Marsalis no disco "Standard Time". Os anos 90 começam com a explosiva biografia de Miles Davis, figura central na história do Jazz, Miles é directo e sem papas na língua e a sua biografia é escri-

ta sob a forma de entrevista e na qual Miles testemunha o seu percurso e a sua experiência ao longo de várias décadas como uma das mais importantes figuras do meio. Morreria no ano seguinte na Califórnia, o seu último álbum "Doo-Bop" explora elementos de Rap, uma imagem de marca de Miles, a constante experimentação por novas sonoridades e estilos. ■

CORRIDA PELA VIDA

CONFERÊNCIA/PALESTRA
CORRIDAS DE RUA
uma Moda Salutar

13 Outubro - 21h00
no CCC, Caldas da Rainha

Padrinhos:
Carmen Henriques
Sandro Jordão

Com a presença de um médico
e de um fisioterapeuta.

Banda Comércio e Indústria já está a ensaiar um repertório jazzístico

A Banda Comércio e Indústria (BCI) foi convidada a participar no Festival Caldas Nice Jazz e está a ensaiar um repertório jazzístico para apresentar num concerto a 21 de Outubro na estação rodoviária.

As “sementes” do jazz deram frutos também na Orquestra Ligeira Monte Olivett e na Orquestra Juvenil de Óbidos, que gostaram de ter feito parte do festival em edições anteriores, de tal modo que contam hoje com temas de jazz nos seus repertórios.

Texto e fotos: Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com

A BCI ensaia às sextas-feiras à noite. No serão de 6 de Outubro, *Gazeta das Caldas* acompanhou os músicos do agrupamento para saber como está a ser preparada a participação no Festival Caldas Nice Jazz (CNJ).

“Encher auditórios com jazz não é fácil porque apesar de ser um público crescente, não atrai multidões”, disse o maestro Adelino Mota que organiza há 20 anos o Festival de Jazz do Valado e também colabora na organização do Nice Jazz. De qualquer forma, considera que o Caldas Nice Jazz “está no bom caminho” dado que aprecia a aposta em grupos do género, nacionais e internacionais. O músico sublinhou o facto de ser importante apostar na descentralização dos concertos, levando este género musical a vários espaços públicos na cidade.

“Estamos a preparar um concerto muito especial para o festival”, disse o líder da BCI, que convidou o acordeonista Luís Agostinho (Pica-Milho) que vai tocar dois temas com a sua banda. “É um excelente músico com grande capacidade de



O maestro Adelino Mota organiza o festival do Valado e também colabora com o Caldas Nice Jazz

improvisação e será por isso um dos solistas convidados”, disse. Haverá também uma cantora convidada numa actuação onde a banda interpretará temas de Chick Corea e fará um tributo a Dave Brubeck. Adelino Mota não está particularmente entusiasmado com o local de actuação que lhe foi destinado: a Rodoviária. “Nós somos muitos e não sei como vai ser”, disse o maestro do grupo que tem mais de 70 elementos.

De qualquer modo, poder participar no festival “é super positivo” e mesmo já tendo no seu repertório temas de jazz é sempre bom para os

aprendizes “fazer parte deste tipo de experiências”. Muitos dos seus alunos têm feito parte dos workshops e é importante “motivar as pessoas a trabalhar repertórios diferentes que esperamos que possam engrandecer o festival”, disse Adelino Mota, que vai celebrar 10 anos à frente da BCI no próximo ano.

E O JAZZ VEIO PARA FICAR

David Santos, maestro da Orquestra Ligeira Monte Olivett, diz que a experiência de actuar no Festival em 2016 “foi muito mo-



Os ensaios da BCI decorrem às sextas-feiras

tivante pois não é o nosso estilo principal e tivemos que ensaiar um género diferente”. O grupo actuou na Rodoviária e incluiu temas standard como May Way ou Feeling Good, entre outros temas jazzísticos instrumentais.

“Foi uma boa experiência pois foi dado aos músicos espaço para improvisar”, disse o maestro, que integrou no repertório do seu grupo um ou dois temas que foram trabalhados para o Caldas Nice Jazz.

No ano anterior o maestro João Raquel levou a Banda Juvenil de Óbidos a actuar neste evento. “Foi uma experiência muito enriquece-

dora que nos fez sair da nossa zona de conforto”, disse o responsável, acrescentando que “foi muito bom pois fez-nos trabalhar repertório de jazz e ter uma primeira abordagem à improvisação”.

Um ou dois standards de jazz passaram a fazer parte do repertório da Orquestra que já gravou um CD (a ser lançado em breve) e que inclui a interpretação de um tema de Duke Ellington. A actuação do grupo no Caldas Nice Jazz foi na Rodoviária e “esteve cheio de gente”, disse João Raquel, que gostou bastante de tocar num local improvável, levando o jazz em locais da vida quotidiana. ■



JOÃO HELIODORO,
24 ANOS (SAXOFONE)

Conheço bem o festival Caldas Nice Jazz e tenho participado nos workshops. Infelizmente não assisti a muitos concertos pois estava em alturas de avaliações na universidade. No ano passado adorei assistir ao concerto da Glenn Miller Orchestra. É muito bom haver um festival de jazz aqui nas Caldas e é importante que este possa ser divulgado. É bom que ganhe raízes e possa continuar a crescer. ■



EVA SILVA, 21 ANOS (TROMPETE)

Acho muito importante pois o jazz deve ser acarinhado dado que é preciso habituar o cérebro e o ouvido do público em geral. A música jazz é tão boa e tão agradável de ouvir, mas às vezes, por ser complexa, cansa quem não conhece. É muito bom poder haver o desenvolvimento da cultura do jazz através da realização de eventos como este. Foi muito bom fazer parte do workshop dado que foi útil e ainda me ajudou a conhecer pessoas novas. Foi excelente e acho óptimo poder aliar a formação ao evento. Entre os concertos que vi, destaco os da Glenn Miller Orchestra e do baixista Kyle Eastwood. ■



LUÍS SPÍNOLA, 19 ANOS (SAXOFONE)

O festival é importante para jovens músicos como nós pois permite-nos conhecer melhor outros géneros musicais. É importante para quem quer seguir profissionalmente a música. Assisti a alguns concertos e apreciei muito, no ano passado, a actuação da Glenn Miller Orchestra. O workshop é muito bom e apesar de conhecer a maior parte das pessoas que frequentam esta formação é sempre uma mais valia para quem participa. ■



CRISTINA MATOS,
23 ANOS (CLARINETE)

É importante que haja festivais como o Caldas Nice Jazz de modo a proporcionar ao público o contacto com este género musical. É preciso também apostar forte na divulgação e assim poder dar a conhecer que estas iniciativas têm lugar nesta região. Este ano vou participar no workshop pela terceira vez e faço-o pois tenho uma grande vontade de aprender. Além do mais temos descontos nos bilhetes dos concertos e temos a oportunidade de trabalhar com professores especialistas. ■

A brasileira que se apaixonou por Fernando Pessoa e o leva ao Jazz

Patrícia Lopes, pianista e compositora brasileira, subirá ao palco do CCC no domingo, 29 de Outubro, às 17h00. De São Paulo traz "O Feminino em Pessoa", um concerto inspirado na poesia de Fernando Pessoa e composto inteiramente por músicas da sua autoria. Ao piano junta-se voz de Paula Mirhan, o clarinete de Hugo Azenha e o violoncelo de Ricardo Ferreira.

Patrícia Lopes inspirou-se em Fernando Pessoa e nos seus heterónimos para compor temas que evidenciam o lado feminino que o próprio poeta explora na sua obra.

Maria Beatriz Raposo
mbraposo@gazetacaldas.com

Há 16 anos, quando frequentava o mestrado em Composição Musical na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Patrícia Lopes foi desafiada pela sua orientadora (Marisa Rezende) a escolher um poeta que a inspirasse na escrita musical. "Comecei a ler alguns e apaixonar-me por Fernando Pessoa", recorda a artista, que em 2015 voltou a pegar neste projecto e agora lançou o álbum "O Feminino em Pessoa".

"Este trabalho reflecte o lado feminino que eu encontro na poesia de Fernando Pessoa, é resultado de uma interpretação muito pessoal", acrescenta Patrícia Lopes, realçando que o termo "feminino" não tem aqui o mesmo significado que "mulher". "Associo 'feminino' a 'profundidade', ou seja, ao lado sensível que há no ser humano em geral, incluindo nos homens, que tam-

bém têm uma faceta mais delicada", diz a pianista, explicando que musicou poemas em que a figura feminina surge evidente, mas outros em que esta não é clara e dos quais apenas se subentende uma carga sentimental muito forte.

"A emotividade é mesmo aspecto comum e o elo de ligação de todas as músicas do meu espectáculo", acrescenta Patrícia Lopes, que já apresentou este concerto no Brasil e notou como o público se sentiu tocado pelos temas. "Normalmente as pessoas choram", refere.

Neste trabalho da pianista há temas que apenas são recitados pela cantora Paula Mirhan, sem acompanhamento instrumental, outros em que entram vários instrumentos, como o piano, o violoncelo e o clarinete. Há também faixas puramente instrumentais que Patrícia Lopes compôs sem qualquer relação à poesia pessoana, mas que se adequam ao espectáculo e até servem para "que-

brar o ritmo". Serve de exemplo "Miniatura nº 1".

Nas palavras da artista, o processo da transformação da poesia em música é aquele que lhe dá maior prazer. "Passei toda a noite sem dormir", "O amor é uma companhia", "Todos os dias agora acordo com alegria e pena" (Alberto Caeiro), "Tenho tanto sentimento", "O amor, quando se revela" (Fernando Pessoa) e "A flor que és, não a que dás, eu quero" (Ricardo Reis) são alguns dos 14 poemas musicados por Patrícia Lopes, que também interpreta "Se não a amasse tanto", fragmento de uma carta enviada por Pessoa à amada Ophélia Queiroz, em 1920. "Utilizo vários métodos, leio os poemas em voz alta porque desde logo as palavras têm ritmos próprios. Mas, sobretudo, são as diferentes intenções que encontro nos textos que me possibilitam criar composições mais fortes ou mais fracas", afirma a pianista, que considera este pro-



A artista lançou um disco com temas inspirados em Fernando Pessoa que exploram o feminino

cesso de criação muito intuitivo porque não tem qualquer formação em literatura. No fundo, "acaba por ser a minha sensibilidade artística que me permite relacionar os poemas com a música", acrescenta.

Patrícia Lopes assinala 15 anos de carreira com o álbum "O Feminino em Pessoa", que será

pela primeira vez apresentada em Portugal. "Estou ansiosa, não só porque actuarei no país de Fernando Pessoa, mas também porque tenho raízes em Portugal pois sou neta de portugueses", explica a pianista, que bebe influências da música popular brasileira e da música erudita europeia. ■

Trio da região com Júlia Valentim nos Capristanos

Rodrigo Correia é um contrabaixista bombarralense (do Carvalhal) que tem 18 anos e que é um virtuoso instrumentista, que também toca guitarra. Tem um grupo musical chamado Rodrigo Correia Trio que este ano se irá apresentar com a conhecida cantora Júlia Valentim no café Os Capristanos.

O jovem começou a tocar contrabaixo aos 10 anos, quando se inscreveu no Conservatório de Música das Caldas. Na altura até queria era tocar guitarra, mas como as vagas estavam preenchidas acabou por ir para o contrabaixo.

Recentemente juntou-se com Miguel Mateus (piano), da

Benedita, e João Almeida (bateria) também do Bombarral e formaram o trio, que pretende tocar um jazz moderno e fazer "uma reedição de temas conhecidos", dando-lhes uma nova roupagem. Este trio já actuou, por exemplo, no Café-Concerto do CCC, mas também no Coreto do Parque D. Carlos, em Junho, num concerto integrado na programação do Caldas Anima.

Rodrigo Correia participou nas duas edições anteriores da Big Band do Caldas Nice Jazz e só não se inscreveu nesta terceira por falta de tempo. "Acho que é uma iniciativa que deve continuar", disse o jovem, elogiando os formadores. Este ano o trio estreia-se no cartaz

do festival de jazz caldense, com expectativas "elevadas".

O facto de tocarem com Júlia Valentim, "uma figura da cidade", dá novos recursos ao grupo, que pode entrar em registos diferentes. "É um elemento de equilíbrio", afirmou Rodrigo Correia, adiantando que vai levar a guitarra eléctrica para também tocar no concerto.

Mas igualmente o local é relevante: o concerto será no café Os Capristanos, junto ao terminal rodoviário da cidade, o que significa que quem chegar às Caldas de autocarro aquela hora vai deparar-se com um concerto de jazz. "É um local emblemático e bastante bonito", fez notar o músico. ■ I.V.



Rodrigo Correia é o líder do trio formado com o beneditense Miguel Mateus e o bombarralense João Almeida

Na volta, o melhor é aproveitar os 0% de juros.

0* JUROS
TAEG
ENTRADA
DESPEAS

Até 48 meses • Válido até 31 de outubro



Ao voltar das férias...

Voltam as aulas, o trabalho.

E melhor, voltam os 0% de juros no Volkswagen Golf e up!. Com 0% de TAEG, 0% de entrada, até 48 meses, na volta o melhor é aproveitar para ter o seu Volkswagen.

*Válido até 31 de outubro em ALD Automóvel Volkswagen Financial Services, uma marca Volkswagen Bank GmbH. O pacote de seguros não obrigatórios inclui a oferta do Plano de Proteção ao Crédito Pack 1 (Produto de Seguro da Cardif Assurance Vie, Sucursal em Portugal).

Consumo médio (l/100km): 3,9 a 7,9; Emissões CO₂ (g/km): 82 a 180.



Volkswagen

Lubrigaz • Stand, Oficina e Peças

Leiria

Carvoeiros Santa Eufémia

2420-500 Leiria

Tel.: 244 830 000 • Fax: 244 830 009

Caldas da Rainha

Rua Dr. Artur Figueirôa Rego, nº 100, Lavradio

Estrada da Tornada • 2500-187 Caldas da Rainha

Tel.: 262 840 516 • Fax: 262 840 519